

O Kombeiro do *campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília nas memórias de Bia Medeiros¹

The Kombeiro of the Darcy Ribeiro campus of the University of Brasília, based on Bia Medeiros memories

133

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Bia Medeiros²Marijara Souza Queiroz³Sol Rubi da Cruz Teixeira⁴Gabriel Andrade de Freitas⁵Thatiane Silva Rodrigues⁶Nathassia Albergaria de Sá e Carvalho⁷

DOI 10.26512/museologia.v14i28.60916

Preâmbulo

A entrevista à professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) e artista visual, Maria Beatriz Medeiros, mais conhecida como Bia Medeiros, aqui transcrita, foi realizada pela turma de Museologia e Comunicação 4, do Curso de Museologia da UnB, sob coordenação da Prof.^a Marijara Queiroz, em 07 de abril de 2022, via Plataforma *Teams*. A entrevista teve como motivação o desenvolvimento da exposição curricular do 2º período de 2021 intitulada “UnB, espaço de memórias” que ocorreu na esteira das comemorações dos 60 anos da Universidade. Com curadoria coletiva em formato de *tour* virtual 360°, a exposição teve como pano de fundo os efeitos do isolamento social provocados pela pandemia da Covid 19, bem como das restrições ao uso dos espaços de convivência na cidade e no *campus* Darcy Ribeiro, UnB, Brasília, DF.

1 Entrevista concedida em 7 de abril de 2022.

2 Maria Beatriz Medeiros Kother (1955 - 2024), artista visual, fez doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1995), pós-doutorado pelo Instituto Superior Técnico (2015) e curso-técnico-profissionalizante em Técnico del Restauro Beni Culturali - Superficie Decorate Dell'Architettura pelo Istituto per l'Arte e il Restauro Palazzo Spinelli (2020). Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1984). Foi Professora do Instituto de Artes visuais da Universidade de Brasília.

3 Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Professora do Curso de Museologia da UnB.

4 Graduando em Museologia pela Faculdade de Ciência e Informação (FCI/UnB). Pesquisa sobre temas voltados a museus, coleções, exposições e projetos com foco em memória e esquecimento, museologia, decolonialidade, virtualidade e tecnologia.

5 Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa “Produção, Socialização e usos da informação e do Conhecimento”. Atualmente é membro do grupo de pesquisa “Museologia, Patrimônio, Memória” (UnB). Graduado em Museologia pela UnB. Possui interesse de pesquisa nas áreas: bens culturais, história da arte, Museologia Social com foco na questão LGBT+.

6 Bacharel em Museologia pela Universidade de Brasília.

7 Bacharel em Museologia pela Universidade de Brasília.

ENTREVISTA

A exposição destacou as experiências cotidianas que constroem memórias processadas na inter-relação da comunidade com o espaço arquitetônico e paisagístico, propondo reflexões sobre o vazio. As memórias foram tratadas como algo vivo e em constante transformação, apoiadas na relação de grupos em diálogo e construídas na dicotomia entre lembrança e esquecimento. A memória é sempre atual, uma vez que é construída na temporalidade presente. É afetiva, imaginativa, fantasiosa e subjetiva. Assim, o conceito de espaço/lugar de memória considera a materialidade, os símbolos e as funções.

“UnB, espaços de memória” reuniu um conjunto de imagens de espaços de convivência marcados por memórias coletivas, quais sejam: Instituto Central de Ciências (ICC), Restaurante Universitário (RU), Beijódromo, Instituto de Artes (IdA) e o Kombeiro, intervenção artística capitaneada por Bia Medeiros. A proposta foi reocupar esses espaços virtualmente e aproximar a comunidade das paisagens culturais do *campus*. No íterim, a entrevista com Bia Medeiros fez-se fundamental para compreender o conjunto de carcaças de kombi atravessadas por árvores plantadas em seus interiores dispostas às margens da via L4 Norte, chamando a atenção de quem transita em veículo automotivo como também de quem circula pelo *campus* Darcy Ribeiro. O preâmbulo sobre a curadoria da exposição foi passado para a entrevistada no início da conversa.

Entrevista

Marijara Queiroz (MQ): Fale-nos sobre o Kombeiro. Como surgiu a ideia da kombi?

Bia Medeiros (BM): Eu vim para Brasília em 1992, rapidamente montei um grupo de bolsistas de extensão, que depois se transformou em bolsistas de iniciação científica. Em grupo, tivemos a ideia de fazer um espetáculo. E qual seria o nome desse espetáculo, já que tratava de arte e tecnologia? Em Brasília, queriam fazer um mestrado de arte e tecnologia e o meu doutorado era em performance e sobre performance. Montamos assim um espetáculo chamado *Corpos Informáticos*, que depois virou o nome do grupo. O espetáculo consistia em uma performance corporal, todo mundo nu com projeção de slides de imagens tecnológicas feitas a partir de fotos de corpos, em 1993. Esse é o início do grupo *Corpos Informáticos*. Daí, as iniciações científicas viraram mestrados e doutorados. Hoje são muitos. Acredito que passaram pelo *Corpos Informáticos*, mais ou menos, cinquenta pessoas.

A ideia de plantar a kombi era antiga, mas não tínhamos verba para executar. Foi por meio da exposição “Aberto Brasília”, em 2011, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), que conseguimos financiamento suficiente para desenvolver o projeto. Mais tarde é que fui entender outros significados da kombi. Inicialmente era só uma coisa legal. Era diferente, sei lá! Mas com o tempo...

O trabalho anterior à kombi tinha sido com enceradeiras. Dezesete enceradeiras vermelhas, um aspirador de pó e uma máquina de escrever que compramos no ferro-velho. Mais tarde, fiz a ligação da enceradeira, um objeto obsoleto, fático e uterino, com a kombi.

A enceradeira... Peraí que eu tenho uma aqui, na verdade, eu tenho quatro [levanta e apanha uma enceradeira vermelha para a demonstração das partes enquanto explica]... A enceradeira é uterina na medida em que ela é redonda, ela abraça. Ao mesmo tempo ela é fálica [aponta o guidão]. A kombi tem esse aspecto, é masculina, é um falo, é um carro comprido, uma coisa que anda, vai para frente, superfálica, mas superuterina.

Por que a ideia da kombi? A palavra Kombi é abreviação do alemão *Kombinationsfahrzeug*, que significa carro combinado, porque ele é um carro casa. As primeiras propagandas da kombi, apresentavam-na com as duas portas abertas e a família almoçando sob um guarda-sol. Uma coisa uterina e fálica. Quando atentei para isso tive mais interesse na kombi. Para a exposição “Aberto Brasília” compramos quatro kombis no ferro-velho e, como eram muito pesadas, pedimos para cortar a longarina, as bases do carro, as coisas mais pesadas que tem embaixo. Nossa ideia era plantar as kombi com árvores dentro. Por que as árvores dentro? Primeiro pelo interesse ecológico de cunho pessoal, inclusive, um dos meus filhos é plantador agroecológico, orgânico. A ideia era plantar uma árvore dentro da kombi para que, após seu crescimento pudesse ser retirada, uma vez que teriam que matar a árvore para retirar a kombi. Em princípio, cortar uma árvore é proibido, mas, no Brasil, sabe-se que tudo pode. Nessa de ir no ferro-velho, surgiu a ideia da outra kombi que eu quero mostrar para vocês, pois não aparece no Kombeiro atualmente. Inicialmente eram quatro kombis: duas plantadas no CCBB, uma na UnB, no lugar que está ainda hoje, a amarela, fui lá fotografar essa semana, estão lindas, as árvores; a quarta kombi combinou com a ideia geral. Vou mostrar para vocês. Tá dando pra ver aí? [mostra foto].

Sol Rubi (SR): Sim, estamos vendo, o pessoal está levando a Kombi.

BM: É tipo o *show* dos Flintstones. Essa kombi a gente cortou inteiramente, tirou toda a parte de baixo. Essa foto se chama Teste, porque era o teste para saber quantas pessoas seriam necessárias para levantar a kombi. Éramos mais ou menos dez. O teste foi feito na UnB, para ver se ia dar certo a coisa. “Aberto Brasília” foi uma exposição grande com muitos artistas internacionais e artistas bienáveis, alguns metidos a besta, precisávamos fazer um esforço para conseguir passar por esses caras. Essa ideia se somou ao fato de que, em 2007 ou 2008, a exposição “Onde Está Você, Geração 80?”, no CCBB do Rio de Janeiro, havia sido censurada.

Em 1980, Márcia X fez uma instalação no chão usando crucifixos. Colocou-os no chão em formato de pinto, de falo. Essa era a performance dela, no núcleo Geração 80, mas produzida em 1990. A foto foi censurada. Fizemos um protesto grande na ocasião, contra a não itinerância dessa exposição no CCBB Brasília. Nós, Corpos Informáticos, queríamos fazer alguma coisa em relação a isso: a questão da censura no CCBB. O plano foi... [abre outra foto da performance Bundalelê]... Todo mundo pelado na kombi. Está dando para ver?

MQ: Foi na inauguração da exposição [Aberto Brasília].

BM: Sim na inauguração. Não falamos sobre o nu dos corpos com o curador, temendo a censura. Fizemos o teste, estávamos todos sem calcinha, sutiã, cueca, sem nada por baixo, para poder tirar a roupa rápido. Durante a performance tiramos a roupa super-rápido, entramos dentro da kombi e caminhamos dentro da kombi enquanto cantávamos alguma coisa, gritávamos alguma coisa, não me lembro mais o que. Efetivamente deu certo, no dia seguinte estávamos na capa do Correio Brasiliense com essa foto [aponta mais uma vez a foto]. Como o mundo tem regredido. Hoje em dia, não podemos nem expor essa foto no Brasil. Mostro para vocês essa foto, porque essa kombi não está lá no Kombeiro.

Um dia o secretário da pós-graduação [em Artes da UnB] me ligou e falou, “Bia, tem uma carta aqui para você, é uma notificação”. Eu falei, é o quê? Ele falou, “uns caras aqui do [Departamento de Trânsito] Detran”. Eu falei: recebe! Ele me ligou de novo e falou: “Bia, mas o lugar que eu vou assinar está escrito assinatura do autuado, assino?” Falei: assina. Assinou! Fui lá, peguei a caixa, era uma autuação contra o posicionamento das kombi naquele lugar. A alegação era que a kombi azul, que é a que fica mais perto da Via L4, ocupa uma área de fuga, tipo um recuo de proteção, em caso de acidentes. Só que isso é uma mentira, caso contrário inviabilizariam todas as calçadas do Eixão Rodoviário, que tem árvores há um metro da pista em toda a margem. Ou seja, aquela autuação era ridícula.

O que fizemos? Juntei os meus livros, tenho quatro livros publicados, uns dez livros organizados, fiz uma pilha, uma carta de professora doutora e pós-doutora em filosofia e fomos ao Detran. Aí eu cheguei lá um pouco nervosa, fui com Diego Azambuja e Maria Eugênia. Falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei... Dei os livros e catálogos para o agente e quando terminei de argumentar eles responderam: “na verdade a gente acha bem legal as kombis”. Resultado: as kombis estão no Kombeiro há onze anos.

Outro fato interessante é que as pessoas começaram a me ligar para falar sobre kombi: “professora eu tenho uma kombi para doar, você quer?” Quero! Outro me ligou e falou: “professora, me empresta três kombis”. Eu falei: não posso emprestar três kombis, vai lá no André, na Ceilândia e compra uma kombi. A nossa custou cem reais, cada. Fizemos o trabalho de limpar, lixar, pintar a base, porque estavam muito enferrujadas. E assim foi! Atualmente são oito kombis no espaço. A última kombi foi oferecida pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, que nos ligou e falou: “a nossa kombi pegou fogo, vocês querem?” Queremos! Temos um cara que se chama Piauí, é ele quem faz o reboque, pois sabe como é que transporta as kombis e tal, já tem a manha. Rebocamos a kombi e ela está lá no Kombeiro, é a queimada. Semana passada fui lá e percebi que alguém grafitou nela.

Esse é outro aspecto do Kombeiro, como as kombis ficam lá, muitas vezes grafitam sobre nossos desenhos, que faz uma certa reflexão

sobre o espaço. A intervenção é legal! É o trabalho de outras pessoas por cima do nosso. Mas uma vez ocorreu um embate, eu tive que encontrar a pessoa em questão, pois ela assinou o próprio nome na intervenção. Não gostei! Consegui encontrá-la e falei para ela: Você pinta *no fan* sobre publicidade, não sobre uma obra de arte. Ela escrevia em todos os lugares, *no fan*, *no fan* não foi engraçado, né? O *no fan* foi um movimento norte americano que consistia em pintar sobre peças publicitárias, a exemplo dos cartazes do McDonald's, como forma de protesto. Ela escreveu *no fan* na minha Kombi? Eu fui falar com a mulher: que porra é essa?

Um dia a gente fez uma festa no espaço, todos os anos fazíamos o aniversário do Kombeiro, em junho, na festa de São João. Em uma das vezes, estávamos na festa e veio uma turma enorme de umas trinta motoqueiras para tirar foto do grupo delas. Subiram nas kombis, unhas vermelhas e aquelas roupas de couro preto. Outro dia recebi um vídeo de um grupo cubano, que fez um clipe no Kombeiro. Recebo fotos das kombis em situações inusitadas, como ensaio fotográfico para portfólio de garota de programa, pelada, de grupo LGBTQIA+ fazendo fotos para a parada Gay, pelados.

Sempre que vamos ao Kombeiro tem alguém fazendo alguma coisa. Ou seja, quase todos os dias alguém trabalha com as câmeras no cenário. É um superorgulho saber que fiz um trabalho que se inscreveu na história e nos passos geográficos de Brasília. Eu costumo dizer para as pessoas que não moram em Brasília, que, se forem, peguem um táxi e falem assim: eu quero ir nas kombis. Só isso! O cara vai te levar lá. Todo mundo sabe onde ficam as kombis. É um superorgulho! Muito obrigado pelo interesse de vocês pelo nosso trabalho. É um superorgulho vocês estarem fazendo trabalho sobre nós. [Se emociona].

MQ: Você tocou num ponto que é bem curioso. Realmente o Kombeiro exerce relação direta com a cidade de Brasília e com a UnB. Diante disso, você acha que a comunidade acadêmica, para além do Instituto de Artes, mantém algum tipo de relação de pertencimento, apropriação ou afeto, com aquele espaço?

BM: A gente conhece pessoas dentro e fora da universidade que se interessaram pela kombis. Já usaram o espaço para documentários, clips, tantas coisas...

Gabriel Andrade (GA): Tenho uma curiosidade, você falou que a Kombi vermelha que estampou a capa do Correio Brasiliense não está no Kombeiro. Onde ela está?

BM: Ela está lá, sim. É a mais destruída. Ela é uma das duas kombis que estão meio encaixadas, formando um trem. Antes ficavam encaixadas. Vou mostrar. Colocamos elas assim, ó: [mostra duas kombis em miniatura e manuseia a dianteira de uma sobre a traseira da outra]. Namorando! Havia barras de ferro no meio para manter a forma da kombi, mas foram roubadas. Isso fez com que ela se abrisse

inteiramente. O material das laterais é muito frágil. Essa kombi, em especial, ficou superleve, arrastamos ela pra lá, pra cá, pra lá, pra cá. O teto, com o tempo, caiu. Descobri que dava pra arrastar a kombi de cabeça para baixo, pois o teto é lisinho. O pessoal ia de surfe dentro da kombi pelo meio da UnB amarrada por cordas ao meu carro. Tem uma kombi que levei para o Lago Oeste, para a casa do meu filho, ela sobrou. Era tanta cor que eu decidi levar para o mato. Muito legal!

Outra história que eu vou contar. Não sei se repararam, mas depois das kombis tem escrito no chão Maria-sem-vergonha. Viram, né? Vão ter que ir de novo. Tem as kombi e tem uma rua entre elas que vai de lugar nenhum para nenhum lugar. A gente fala que ali é o aeroporto de kombi, pois vieram voando e pararam ali. Escrevemos no chão Maria Sem-vergonha, medindo 16 x 6 metros, para que possa ser vista do helicóptero ou avião. Maria Sem-vergonha é um conceito que desenvolvi a partir do conceito de rizoma e de árvore em Deleuze e Guattari. Posso explicar isso depois.

MQ: Por favor, explique. Fizemos um registro do espaço, mas como não temos drone, a vista aérea ficou comprometida.

BM: Exato, era isso mesmo que eu ia lembrar. Depois que pintamos o nome Maria-sem-vergonha no chão é que pensamos: e agora, como vamos filmar a ação se não temos o drone? Nós compramos duzentos balões de gás hélio, com base em um cálculo maluco que previa até quinhentos. Meu bolsista fez uma kombi de isopor com uma câmera GoPro 360° acoplada que foi levantada pelos balões para capturar a imagem da palavra Maria-sem-vergonha do alto.

MQ: Você tem essas imagens?

BM: Tenho vídeo. À época fizemos um escândalo que chamou a atenção da Rede Globo. Comprei depois a reportagem da Globo e a editamos com as nossas imagens sobrepostas. Tem registro no Vimeo, o endereço é <https://vimeo.com/corpos>. Olha aqui, eu encontrei... [envia o endereço exato pelo chat]. Deixe-me botar aqui para vocês [abre vídeo e começa a explicar]: esse vídeo em que estou puxando a kombi com Maria Eugênia, no meu carro. O engraçado desse vídeo é que a repórter fala assim: “tá escrito Maria Sem-vergonha, eu só sei que a Maria Sem-vergonha não sou eu”. [risos]. Usamos a fala da repórter no vídeo.

MQ: Fale um pouco mais sobre a relação da Maria-sem-vergonha com o conceito de rizoma em Deleuze e Guattari.

BM: Vou falar, sim. Deleuze e Guattari escreveram, em Mil Platôs, o conceito de rizoma a partir da forma de uma árvore. O jeito de pensar o mundo, o jeito de pensar a história, o jeito de pensar a genealogia do mundo tem formato de árvore. Sócrates, Platão, Aristóteles, Spinoza, Deleuze, Derrida, todos construíram seus pensamentos

em formato de árvore, com raízes profundas e base firme nascida de uma sementinha. Segundo os autores, uma forma fálica. Para contrapor o pensamento hierárquico de árvore, Deleuze e Guattari desenvolveram o conceito de rizoma, por compreender que as coisas não se dão apenas de forma hierárquica. O exemplo de rizoma mais simples é a grama, que vai crescendo de forma horizontalizada, cada uma com sua raizinha e com seus bracinhos, fortalecidas pelo conjunto. Com isso, se estabelece um paralelo com as formas de pensar o mundo e as relações. As coisas poderiam ser mais pacíficas se a gente pensasse de forma rizomática. Como iguais.

E aí o que aconteceu? Os alunos que liam Mil Platôs mal lido, falavam de rizoma sem saber exatamente o que significa e eu já estava de saco cheio daquilo. Até que um dia decidi ler Mil Platôs do início ao fim, todas as notas de rodapé, bibliografia e tal, com uma turma de doutorado. Assim como os autores, concluímos que toda árvore é rizoma e todo rizoma é árvore. Costumo dizer nos meus textos, que toda mulher é meio Leila Diniz para fazer um paralelo, mas isso não vem ao caso. Se olharmos a floresta amazônica de cima, veremos que todos os mognos são rizomas. O mogno mãe está ali, o irmão ali, o primo lá, a semente desceu pelo rio, nasceu lá mais adiante. Numa macro visão a Amazônia é feita de rizomas. Se pegarmos uma graminha veremos que ela tem o formato de árvore, é hierárquica, tem raiz e cabeça. O rizoma não é mais importante do que a árvore ou vice-versa.

Maria-sem-vergonha é planta, uma flor que tem sementes e se espalha. Mas ela também nasce por rizoma, pois quando suas flores pesam, algumas caem gerando filhotes diretos do solo. É uma planta árvore e rizoma ao mesmo tempo. O conceito de Maria-sem-vergonha é uma antropofagização brasileira do conceito francês de Deleuze e Guattari e ainda tem esse nome maravilhoso: Maria sem-vergonha. Conversando outro dia com um aluno, ele disse: “descobri que no meu nome tem ‘Ando Aqui No Mar’, Fernando Aquino Martins”. Aproveitei o gancho e falei pra ele: em Maria sem-vergonha tem o ia sem ver. É um conceito interessante. Lá no chão está escrito: Mar (ia-sem-ver) gonha. O que faz com o resto? Se eu tiro ia sem ver, fica Margonha, nas duas pontas. A performance é uma linguagem artística que não privilegia necessariamente a visão, pensa o corpo inteiro, usa música, cheiro, sensações. Alguém queria fazer pergunta. Tenho visto levantarem a mão.

MQ: Nathassia e Thatiane. Pode falar, Nathassia.

Nathassia Albergaria (NA): Meu grupo está focado no projeto educativo da mostra “UnB, espaços de memória” e, já que a nossa exposição acontecerá totalmente em meio virtual, você poderia gravar um vídeo curto explicando o Kombeiro para postarmos nas redes sociais?

BM: O que você chama de um vídeo curto?

ENTREVISTA

NA: Uns três minutos, mais ou menos.

BM: Tá, pode ser de celular?

NA: Pode.

BM: Porque é uma confusão, faz no celular, depois não consegue enviar porque não é compatível ou é muito grande, não sei o que lá, uma confusão do caramba. Tem que mandar por e-mail. Qual é o seu e-mail? Mais de três minutos de vídeo e terei que enviar pelo drive, sacou?

MQ: Pode ser no e-mail da exposição. Nathássia, anota no chat, por favor.

BM: Ah, ótimo!

NA: Dada sua experiência com o momento mais impactante da exposição, a inauguração, quando a performance acontece, você teria alguma dica de como trazer esse impacto para o meio virtual?

BM: [Pensa em silêncio, ri]... Não sei, não sei... Voltando a questão anterior, tem um aspecto que eu não costumo usar na obra, mas que faz parte dela: a questão da reciclagem. Não é a coisa mais importante do trabalho, acho mais relevante pensar a kombi na dialética falo e útero. Mas, de fato há essa relação com a reciclagem, a kombi fica feliz de sair do ferro-velho e se tornar atração na cidade, as pessoas cuidam, limpam, pintam de novo, comemoram. Acho que nossos lixos podem se transformar em coisas maravilhosas. Acho que esse é um aspecto bem legal a ser tratado na perspectiva da educação museal.

MQ: Pode falar, Thatiane.

Tathiane Silva (TS): Sobre o áudio dessa entrevista, gostaria de saber se podemos usar no conteúdo da nossa exposição virtual.

BM: Pode! Eu falei muito palavrão, ou não? Porque eu falo muito palavrão.

TS: A gente vai fazer uns cortes básicos na edição.

BM: Pode! Preciso pagar o Vimeo para dar *upload* em mais de 250 vídeos. Tem outras coisas que podem ser retiradas de lá por vocês.

MQ: Bia, dividimos a turma em grupos para a produção da exposição. O grupo responsável pelo acervo terá que criar o conteúdo digital ou incorporar conteúdo pronto. Você pode sugerir e disponibilizar vídeos prontos para que possamos usar no módulo Kombi por e-mail.

BM: Verdade.

MQ: Tudo bem, Tatiane? Sol Rubi pode falar.

SR: Vou descarrilhar a kombi da conversa. Eu estava lendo um artigo escrito por, além de você, pelo Fernando Aquino e o Marcos Mota, que é “Kombi, Kombeiro, equívoco da violência e outros conceitos”. Queria saber mais sobre a questão da equívoca violência. Na nossa exposição queremos falar sobre o afastamento forçado que gerou espaços vazios na UnB. Quando caminhamos e fotografamos os espaços de convivência para esse *tour* virtual, quase não encontramos pessoas nos lugares antes fervilhantes. Um contraste com as fotos das performances no Kombeiro, onde há pessoas reunidas, juntas. A questão da kombi, a união é o contrário da violência do afastamento. Em resumo, o que é esse conceito de violência equívoca? Como ele se relaciona com a questão de corpos e espaços vazios?

BM: Eu não estou me lembrando muito bem desse texto. Deixa eu pegar o catálogo aqui. Ah, tem essa foto aqui maravilhosa também, ó! Feita na kombi! Essa vocês acham na internet. As crianças adoram, um monte de bunda. Acho que o texto tá no livro de 2014, né? Nessa época, o Instituto de Artes era realmente um espaço fervilhante. Funcionavam no mesmo prédio as Artes Cênicas e Visuais, juntas. Era uma caixa de surpresas. Uma festa! A gente dançando, fazendo peças de teatro nos jardins. Eu das Visuais com Hugo Rodas das Cênicas, usávamos todo o prédio. Quando a Cênicas saiu, ficou o Desenho Industrial que depois também saiu. Foi gerando um esvaziamento do prédio, mesmo antes da pandemia, pois já havia um movimento para as aulas *online*, esse esvaziamento já vinha de antes. Vai ser difícil retornar ao que fomos um dia, mas não é impossível. A pandemia realmente afastou as pessoas, durou muito tempo, foram muitas perdas, gerando necessidade de traslado, de outras possibilidades de vida, de obter renda e tal. Realmente gerou um vazio. Um dos conceitos que trabalhamos em 2016, surgiu a partir do evento “Performance Corpo Política”. Se quiserem, o endereço é www.performancecorpopolitica.com. Lá tem fotos de performances e vídeos de todos os artistas que participaram desses eventos. Rebatiizamos o evento de “Corpo político e fracasso”. Porque estávamos pensando o fracasso. O fracasso pensado, no meu entender, como a performance que deve ser aberta à participação do público. Não podemos ter um *script* fechado. Se convidamos o transeunte para participar da performance, estamos pensando um fracasso. Chamamos esse transeunte de errante porque ele traz o erro que é o que buscamos como provocação para a potência do improviso. Então, não existe sucesso possível, só existe um fracasso possível, já que não há um objetivo de obter sucesso. Mas isso exatamente que você falou, sobre a violência do equívoco, eu teria que procurar mais para saber de que texto você está falando.

MQ: Você gostaria de ver como estamos trabalhando as imagens das

kombi em 360°?

BM: Eu quero!

MQ: Sol Rubi está desenvolvendo a arquitetura digital da exposição e está com as imagens em mão. Pode mostrar, Sol? De repente, você dá uma sugestão, contribui, Bia.

SR: Posso compartilhar agora essa primeira versão que montamos recentemente. Estou tratando as imagens, nivelando-as. A ideia é pegar todo o espaço por conta desse afastamento e por serem poucas as vistas. À época em que tiramos as fotos, havia poucas pessoas no espaço, em comparação a outrora. Estava bem vazio. Tiramos as fotos de dentro das kombis para poder fazer essa imersão. Outra ideia foi pegar detalhes dos elementos pintados e trechos de textos para dar destaque. Temos fotos, áudios, entrevistas. Essa daqui se encaixaria como conteúdo. Passar essa ideia e inserir texto sobre a plantação das kombis, seu crescimento interno e a fixação do local. Essa é a nossa ideia. O *tour* virtual é de uso fácil, qualquer pessoa pode entrar acessando o *link* do site e visitar, seja do celular, computador ou óculos de realidade virtual. Ficou bem legal, você é colocado dentro da kombi, faz parte do espaço. Dá para olhar o teto, o chão, é bem imersivo, eu diria. Esse é só o protótipo do *tour*.

MQ: Obrigada, Sol. Bom trabalho!

BM: Tenho aqui um trabalho que é do Lulzu, que fez doutorado comigo sobre o trabalho de performance dele. Ele vem da Letras. Ele viu o Kombeiro como uma poesia. Chamou de poesia adversa. Pegou só os detalhes de textos, ficou muito bonitinho esse livro. Acho interessante usar e linkar na exposição.

SR: Dá pra linkar, sim, fazer essas conexões.

BM: Tem um texto, “Kombi, kombeiro e diversos”... A gente fazia muito, no livro que escrevemos, em 2011, umas reuniões presenciais, mas cada um com o seu computador, cada um sentado no canto da mesa, e a gente escrevia os textos juntos no *Google Docs*, mas só um olhando para a cara do outro, na fruição mesmo. Deu muito certo! Tenho várias textos que surgiram assim.

MQ: Alguma pergunta a mais, pessoal?

BM: Eu posso mandar, ou posso levar da próxima vez que eu for à Brasília, os catálogos. Não são especificamente sobre o Kombeiro, que é o trabalho posterior. Sobre o Kombeiro, eu não tenho, o catálogo está esgotado. Mas sobre esse último, eu tenho bastante. Foi publicado na internet. Foi muito censurado, porque tem *corpus nus*.

MQ: Mais alguma coisa?

TS: Gostaria de perguntar se você tem alguma memória marcante da UnB.

BM: [Risos]. Ah, você quer uma boa ou uma ruim?

TS: Fica a seu critério, mas uma boa seria interessante para colocarmos na exposição.

BM: Os eventos do Kombeiro, as festas do Kombeiro. A partir de 2011, a implantação do Kombeiro, todos os anos ocorreram festas. Publicaram outro dia no meu Facebook a foto da festa da despedida, com umas cinquenta pessoas. Teve festas de São João com casamento, fazíamos ciranda, eu cantava Olha a Cobra, era bastante animado. Foi uma coisa muito importante. Boas memórias!

MQ: Podemos afirmar que o Kombeiro ocupa um espaço importante no seu repertório de boas memórias?

BM: Pode, Uai!

MQ: Obrigada, Bia, por esse tempo. Muito obrigada Sol, Gabriel, Thatiane e Nathássia pelas intervenções.

GA: Obrigado, Senhora Bia pelo tempo, pela disponibilidade.

BM: Tranquilo! Tá de boa! Bom dia!

MQ: Tchau! Obrigado.

BM: Tchau!

ENTREVISTA

Figura 1 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance *Corpos Informáticos* no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.

Figura 2 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance *Corpos Informáticos* no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.

ENTREVISTA

Figura 3 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance *Corpos Informáticos* no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.

Figura 4 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance *Corpos Informáticos* no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.

ENTREVISTA

Figura 5 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance *Corpos Informáticos* no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.

Figura 6 - Kombeiro. Intervenção do grupo de performance Corpos Informáticos no *campus* Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília, Distrito Federal.



Foto: Marijara Queiroz, 2022. Fonte: Arquivo particular.